

REGINA CORREIA

## Entre o caos e o tempo

Ferve em meu sangue recluso  
cicatriz proibida do transe  
que a *morna* para sempre gravou  
no veludo nocturno das bocas  
acariciando o luar...

Pelos flancos da madrugada  
adejam mãos como asas  
de mariposa apressada  
em severo peito rendido à  
breve loucura circular...

E desse instante tamanho  
eis-me refém de um vulcão  
no espaço feroz da saudade  
entre o caos e o tempo febril...

Cada sílaba de incêndio  
ébria voz no labirinto  
onde fosses luz primeira  
de poema ardente perfil...

## Tédio

Celebra-se silêncio cáustico na  
respiração da cidade que  
nada temendo se adensa  
obscena pelas veias abertas da  
tarde amarrada ao esquecimento.

Uma flor de sangue desperta no  
peito sonolento das estátuas  
à beira do rio enquanto a luz da  
viragem se esgueira em chispas de  
tédio pelas frinchas do pensamento.

Há muito só pássaros cegos  
repousam sob a medula da  
solidão.

No terreiro quebrado seu canto  
ossudo eco de nada na  
palma de cada mão.

## Contradança

Dói-me um país na  
rememoração de dardos e  
zagaias lá onde o gemido da  
rola é pardo e brada ao  
vento do sol poente  
urgências adivinhadas na  
contradança do tempo que  
nos confunde  
maltrata.

Dói-me outro país no  
espaço que me circunda  
desafortunada viagem à  
luz quebrada das cidades  
íntimas de acrobatas  
ventríloquos equilibristas bufões  
ilusionistas mímicos ou saltadores em  
suas impias habilidades de  
colarinho e gravata.

Dói-me um país  
pedinte nas  
bainhas da presunção  
vencido e mofando em  
seboso fato domingueiro  
vã soberba alardeada à  
porta de latrinas públicas da  
inconsequência.

Dói-me outro país a  
sul de mim desgarrada onde a  
planta dos pés transpira ainda o  
verde desaforado do capim e o  
olhar sumido consente  
funesta intimidade de algóz e  
vítima no remorso circunflexo da  
existência.

## **Caminho andado...**

meu caminho andado não  
abre as portas do mundo  
em cada vértice do tempo  
náusea, grito enrouquecido

em veia e osso, na flacidez  
dos músculos, curvo olhar  
desgarrado contra mortal  
tédio num chão anoitecido

contra postes de alta tensão  
alimento da paisagem  
desnutrida sobre inerte  
coração, terra engelhada

pelo agror que horizonte de  
galinheiros, cães famélicos  
crava no cetim da lua  
em guarida mascarada

como pérola faiscante  
por dentro de Abril recluso  
nos olhos azuis dos mortos  
que o vento atravessa

de rajada antes que a luz  
acorde furor da treva  
num espelho de iniquidade  
e o tumulto emudeça

meu caminho andado não  
abre as portas do mundo  
onde lei e espada, tempo  
narrado em brilho imundo

## Flor cativa

Havia pássaros de  
olhar sibilino  
ciscando entre  
dedos afoitos nas  
coxas húmidas do capinzal...

Malicioso arrepio  
ferrado na  
sujeição desgrenhada  
daquela flor em  
sangue cativa no algodoal...

Era purpúrea demência  
atravessando-se às cegas na  
madrugada infértil...

Que vigiava na  
mudez dos pássaros insidiosa  
palpitação de réptil...

Asa quebrada de deus na  
devassidão da paisagem ó  
cruel estremecimento em  
jorro de vozes  
fotografando a agonia...

Bruscamente um punhal de  
silêncio degolava náusea da  
terra sobre flores em rama no  
bico dos pássaros ao  
cimo da desarmonia...

#### NOTA BIOGRÁFICA

Regina Correia nasceu em Viseu, m 1951. Licenciada em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras de Lisboa, leccionou Inglês e Alemão no ensino secundário, em Portugal, e Línguas e Cultura Portuguesa na Alemanha, em Estugarda (1980-1986) e Hamburgo (1993-2008). Até aos 24 anos de idade viveu alternadamente em Portugal e em Angola, para onde foi com 8 meses de idade, tendo também nacionalidade angolana. Publicou *Os Enteados de Deus* (Prémio Revelação de Ficção Câmara Municipal do Montijo/ IAPE), *Uma Borboleta na Cidade* (ficção) e *Noite Andarilha* (poesia), pela Universitária Editora. Em Maio de 2012, a Alfabeta Editores publicou o seu último livro de poesia *Sou Mercúrio, Já Fui Água*, que inclui uma reedição de *Noite Andarilha*.